

# CALÍMACO,

## Poeta e Crítico

epigramas 1, 8, 27, 28

Comentários:

JOÃO ANGELO\*

ISABEL DE LORENZO\*\*

Tradução de:

JOÃO ANGELO

O conceito de poesia crítica, ou antes a atividade de poeta-crítico, que engendra conscientemente a metapoesia, e que é marca da poesia moderna, característica necessária da modernidade literária, não é invenção dessa poesia. Faz parte da oficina poética desde Baudelaire, Mallarmé, Eliot, Pound e também dos modernos brasileiros, mas sua origem pode-se pesquisar na distante poesia antiga.

O modelo mais consagrado de crítica literária da Antigüidade é romano: a *Arte Poética* de Horácio, cujo conteúdo crítico ficou tão importante que se chega a esquecer que foi escrita em versos, e ainda mais, sob a forma de carta, sendo sua denominação original *Epístola aos Pisões*. A influência desse texto poético-crítico, desde sua aparição (século I a.C.), tem sido monumental.

No entanto, o gênero é legatário de precursores menos famosos, provenientes do mundo grego (Eliot: a cultura européia é toda latina). Desses, é o pouco conhecido poeta Calímaco quem mais influenciou gerações de escritores latinos (de Ênio aos elegíacos, passando por Catulo, Virgílio e Horácio), sendo modelo de uma mentalidade literária caracterizada pela consciência crítica da própria realização poética.

Durante o período conhecido como Helenístico, na recém-criada Biblioteca de Alexandria, atuava um grupo de bibliotecários-intelectuais extremamente eruditos que uniam sua atividade de criação poética à de preservação da literatura preexistente, já que se pretendia reunir na Biblioteca todos os livros do mundo. No entrelaçar dessas duas atividades surgem, por um lado, a catalogação, a discussão filológica, o aparato crítico e a exegese; por outro, a poesia alusiva, a apropriação poética, a poesia auto-referencial.

Nascido em 300 a.C., Calímaco de Cirene trabalhou como bibliotecário em Alexandria e foi "poeta e ao mesmo tempo crítico", como se dizia nesse tempo. Como crítico-bibliotecário, escreveu 120 livros conhecidos por *Catálogos* (*Pinakes*), em que oferece uma breve biografia de cada autor, a lista de suas obras e uma classificação crítica destas (inclusive das que se haviam perdido). Como poeta, propugnou pela beleza, brevidade e refinamento, sem no entanto repudiar o legado poético dos dois grandes períodos histórico-literários anteriores, o Arcaico e o Clássico. Compôs elegias, hinos e epigramas. Praticou conscientemente o que hoje chamamos intertextualidade, afirmando: "não canto nada que não esteja documentado".

O Primeiro Epigrama de Calímaco, cheio de humor, tem como significado mais profundo ser a

resposta helenística, de fundamento estóico, à fugacidade perdida da palavra oral. Este epigrama ilustra, dramatiza, a atitude de apropriar-se de uma fórmula, de uma *fala* que se presta a fins completamente distintos daqueles para os quais foi pronunciada. Ilustra, como prática valorizada, a citação descontextualizada, que se desvia do sentido original e é antes prova de acuidade que de descuido:

Um estrangeiro, lá de Atarnes, vindo a Pítaco  
de Mitilene, filho de Hírrias, fala:  
“Velho, oscilo entre dois enlaces, uma noiva  
pela riqueza e raça está a meu lado,  
a outra me supera. E então? Toma comigo  
a decisão: qual levo ao himeneu?”  
Este, o cajado erguendo, arma de velhos, fala:  
“Aqueles te darão toda a palavra.”  
Num largo trívio, rápidos peões nas mãos,  
uns meninos rodavam, dando golpes.  
“Segue seus passos”, diz; o estrangeiro foi lá;  
lá gritavam: “Pega!, que está a teu lado.”  
Ao ouvi-lo, o estrangeiro não quis ricas bodas,  
compreendera o presságio dos meninos.  
Tal como ele casou com mais modesta noiva,  
tu, assim vai!, pega a que está a teu lado.

**O**itavo Epigrama, exemplo da brevidade característica do gênero, é um metapoema na medida em que tematiza a própria brevidade, virtude e meta desta poética, que passou a ser, por isso mesmo, chamada de “calimaquiana”. Diz a voz do poema, dirigindo-se ao deus que entusiasma os poetas:

Pequena, Dionísio, basta uma palavra  
ao poeta feliz: “venci” é o máximo  
que diz. Mas se ao que tu não inspiraste bem  
“que tal?”, indagam, “duro é o que me ocorre”,  
diz. Que este verso ocorra ao que se enreda a injustos,  
a mim, senhor, as tais pequenas sílabas.

No Epigrama 27, propriamente crítico, são indicados caminhos da poesia sapiencial-didática, desde o antigo modelo do gênero, Hesíodo, até seu atualizador moderno, Árato de Solos:

Poesia é o canto, o modo de Hesíodo: ao menor  
aedo não, porém, creio, ao que em épica  
há mais fino moldou-se o poeta Sólio; salve!,  
gráceis linhas, vigília intensa de Árato.

No Epigrama 28, Calímaco repudia os poemas cíclicos, isto é, os longos poemas épicos. Com isso, não apenas concretiza em literatura a tendência alexandrina pelo diminuto, como instaura polêmica com seu contemporâneo Apolônio de Rodes, um dos que chamava “maus espíritos” (telquínios) por haver escrito uma épica em quatro cantos, com mais de 6000 versos, as *Argonáuticas*. Neste mesmo poema observa-se, junto à contínua reverência pelo legado, uma atitude de recusa pela criação da obra de arte monumental, reiterando um famoso dito seu, “um grande livro é igual a um grande mal”. Não era repúdio a Homero, mas, ao contrário, era a consciência crítica de que a forma poética atual, que então materializava a época, não era mais a longa epopéia:

Eu odeio o poema cíclico; da estrada  
que muitos leva, traz, lá, cá, não gosto.  
Que vagueia detesto amante nem da fonte  
bebo e me afasto de lugar comum.  
Lisânias, tu és belo, belo, sim, mas antes  
que o diga o Eco, alguém diz: "outro o tem".

**P**oemas cíclicos eram os que pretendiam narrar exhaustivamente a vida de heróis, diferentemente de Homero, que apresentava de imediato a ação. É a estes versos de Calímaco que se refere Horácio na *Arte Poética* quando, prescrevendo essa mesma objetividade dramática, diríamos cinematográfica, cunhou para sempre a expressão *in medias res*. **M**

\* Pós-graduanda em Letras Clássicas na USP.

\*\* Professor de Língua e Literatura Latina na USP.